

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Trajetórias de trabalho de famílias integradas à agroindústria na produção de fumo¹

Marisa Hartwig²

INTRODUÇÃO

A trajetória de trabalho dos agricultores familiares de Pelotas – RS, não esvanece em singularidades, mas compreende todo um contexto social determinado pela constante movimentação da ampliação do capital.

Assim famílias que produziam fundamentalmente para subsistência comercializando o excedente, passam a produzir integrado a empresas de forma totalmente subordinada submetendo todos os integrantes da família a trabalhar para determinada empresa, atendendo aos mais rigorosos controles de qualidade, numa produção monocultora determinada por empresas multinacionais.

Família Scherverske: antes da integração com a agroindústria na produção do fumo, plantavam culturas diversas³: aspargos, morango, milho, batata doce, abóbora, cebola, pimenta, soja, entre outros. Produtos estes que eram comercializados com feirantes e fábricas⁴. O trabalho era realizado manualmente, com o uso da enxada, foice, entre outras ferramentas. Para lavar a terra contavam com a tração animal, com junta de bois ou cavalos, como também para passar a capinadeira nas lavouras⁵.

¹ Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado desenvolvida no programa de Pós – Graduação em Educação na UFSC, 2007, Intitulada: Mudanças no trabalho e na Escolarização dos agricultores familiares: a aparente segmentação entre rural e urbano. E-mail: marisahartwig@gmail.com

² Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

³ Com o fechamento de determinadas indústrias (no caso de Pelotas, a indústria de aspargo e de morango) desintegra os produtores de determinada atividade para num outro momento integrá-los a produzir um novo produto (fumo) junto a empresas multinacionais.

⁴ Muitas fábricas fecharam com o movimento da globalização, ou seja, o movimento do próprio capital em busca de sua autovalorização, o que casou grandes mudanças na produção da vida dos agricultores familiares, em busca de novas formas de continuar vivendo e produzindo a vida no campo.

⁵ Entrevista realizada com a família de Hilda Scherverske, Pelotas RS, 2007.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Desse modo para delinear melhor o foco da análise e mostrar como se processa o trabalho na produção integrada de fumo, optamos em trabalhar com uma única empresa integradora, a Souza Cruz, que atua na produção de fumo há mais de um século no Brasil, sendo a base da cadeia produtiva os agricultores familiares integrados. Nesse contexto, buscamos rastrear a cadeia produtiva do fumo de modo que possamos apreender como se constitui o trabalho e o que ele expressa na relação com o capital.

Cadeia produtiva do fumo: agricultor integrado⁶

O processo de integração, na produção de fumo, exige uma organização dos componentes da família de tal forma que concentra os trabalhadores na mesma produção de uma determinada mercadoria para a empresa integradora.

Assim sendo, antes dos agricultores entregarem toda a produção de fumo, já fazem o registro do plantio da próxima safra, através do contrato de compra e venda, onde são estipulados quantos mil pés serão plantados, assim como a quantidade de adubo, semente, veneno, material de canteiro (construção das piscinas: lonas, bandejas, substrato) para a produção das mudas. A partir do fechamento do contrato, a empresa já tem como fazer uma estimativa de quanto o produtor vai colher na próxima safra.

Início do ciclo

Julho a agosto: Preparação da terra e semeadura. Houve mudanças no processo de semeadura, que antes era feito em canteiros de terra, agora se utiliza o sistema *Float*, que são piscinas tapadas com lonas brancas, onde a água, em seu interior, é nivelada para que as bandejas de isopor com sementes flutuem na água, ou seja, onde os nutrientes são colocados na água, evitando assim a contaminação do solo.

Figura 01- Sistema Float

⁶ As informações deste item foram coletadas nas entrevistas com agricultores integrados, focando especificamente o que caracteriza a cadeia produtiva do fumo.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



Quando as piscinas estão prontas, uma pessoa desinfeta as bandejas, outra coloca o substrato e outra semeia. Quando as mudas estão com 4 folhas, é feita a repicagem, isto é, o replantio nas bandejas, pois cabem 200 mudas numa bandeja somente. De um lado, então, são semeadas duas mudas, e do outro, uma, pois após a germinação é necessário arrancar mudas de um lado para replantar, para que as mudas que não se desenvolveram sejam eliminadas. Todo esse processo leva em torno de uma semana.

Após o replantio de bandeja, é necessário fazer de três a quatro podas (corte nas folhas ainda na bandeja) nas mudas, para que a muda fique parelha e forte, na mesma medida para o replantio.

Figura 02 – Poda das mudas

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



Nesse período, de dez em dez dias, são colocados os inseticidas (veneno), num total seis aplicações até replantar no campo. Enquanto isso, o solo para o replantio é preparado: lavar a terra, discar, fazer os canteiros, colocar o veneno (com trator) para controlar as ervas daninhas.

Setembro a outubro: Replanteio. Nessa época ainda há fumo seco no galpão e já se está plantando a próxima safra. Para fazer o replanteio é necessário que chova, pois a terra precisa de umidade, sendo o replanteio todo manual.

Após quinze dias de replanteio na lavoura, é colocado o salitre⁷, e em seguida, é utilizada a capinadeira para afrouxar a terra e limpar entre as carreiras. Também é feita uma capina para afrouxar a terra mais próxima da muda. No final de trinta e cinco dias, aplica-se mais adubo e salitre.

Em novembro: Começa a colheita, após 60 dias de plantio, é feita a primeira colheita do fumo baixeiro, e logo após uma semana, faz-se a poda da flor (para dar força para as folhas que já estão no pé). Após a poda, coloca-se um veneno para inibir a brotação e desenvolver as folhas que o pé já possui. Esse veneno serve de inibidor de brotação, já que a planta não deve mais gerar folhas novas, mas sim desenvolver as que

⁷ O salitre é um tipo de adubo específico para o fumo.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

já possui (em torno de 18 a 20 folhas por muda). Depois, a próxima passada para colher depende muito do clima para o amadurecimento das folhas, sendo que em média leva aproximadamente 20 dias, e assim por diante, conforme for amadurecendo. Esse processo vai até **março ou abril**, dependendo das condições climáticas. Os meses de **novembro e dezembro** são os mais árduos, pois além do início da colheita, é preciso replantar as mudas que, por vezes, não vingaram no replantio, capinar, aterrar as carreiras com o uso da capinadeira, adubar, podar, colocar veneno, fungicida (todos de procedência mundial: Japão, EUA, Suíça, Áustria, Finlândia e Alemanha).

De **janeiro a abril** a colheita é feita conforme o fumo for amadurecendo. No total, envolve de 5 a 6 apanhadas⁸.

Durante a colheita, primeiro se apanha o fumo baixeiro (as folhas rentes ao pé de fumo). Após duas semanas, colhe-se novamente, mas depende do tempo, da chuva que influencia no amadurecimento da folhas.

O transporte do fumo da lavoura para a casa é feito de trator com reboque. Na lavoura três pessoas apanham o fumo, enquanto uma carrega para o reboque. A média é de dois reboques por dia que são levados para casa, um na parte da manhã e outro na parte da tarde.

Figura 03 – Apanhando fumo

⁸ As apanhadas de fumo dizem respeito à quantidade de vezes em que é preciso passar na lavoura para colher as folhas, pois em média, em cada passada, são apanhadas (colhidas) três folhas em cada pé de fumo.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



Enquanto um dos integrantes faz o almoço, os demais descarregam o fumo para a estufa. São necessárias 5 cargas para encher uma estufa, que consome em torno de dois dias e meio de colheita na lavoura para que seja cheia.

Nesse processo, é necessário ser rápido, a fim de que o fumo fique parelho durante o processo de secagem e não perca a qualidade, por isso é preciso dedicação exclusiva para apanhar o fumo e retornar rápido para a lavoura.

Figura 04 – Prensando as folhas de fumo

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



No processo de secagem, a estufa elétrica consome menos lenha, pois possui ventiladores que distribuem as ondas de calor mais uniformemente para a secagem das folhas. O fogo precisa ser reparado de 3 em 3 horas, noite e dia. Se faltar energia elétrica, corre-se o risco de perder o fumo da estufa, pois com a falta de ventilação as folhas não secam e perdem a qualidade. Cada produtor deve ter um gerador de energia, pois nesse sistema o calor só se distribui a partir da ventilação.

O processo de secagem dura em torno de cinco dias, dependendo da temperatura ambiente. E se as temperaturas estiverem baixas durante a noite, o processo pode levar mais tempo.

Após a secagem, ocorre o processo de retirada da estufa para conseqüente armazenamento do fumo no galpão. Antes da retirada do fumo, é necessário umedecer as folhas a partir de uma mangueira de água e ventilação para fazer uma neblina, pois se não forem umedecidas, as folhas quebram: isso leva em torno de duas horas.

Inicia-se então a retirada, o fumo é colocado em cima de lonas, sacos, para que se consiga levar uma grande quantidade para o galpão, onde é empilhado e devidamente coberto para não pegar umidade e criar mofo. É preciso estocar para colher o fumo que está na lavoura. Somente em março o fumo estocado no galpão é retomado, pois até lá

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

se colhe, leva-se para a estufa, seca-se, leva-se para o galpão, cobre-se e volta-se para a lavoura.

Nesse período o trabalho é intenso: às 7 horas da manhã é preciso estar na lavoura. Após o almoço (um breve descanso) é preciso retornar às três horas da tarde. Fica-se até encher o reboque, até o anoitecer do dia. Quando se chega em casa, descarrega-se o fumo para a estufa, até as 23 horas da noite. Dorme-se por volta das 00:30 horas, após o banho e a janta. Não há tempo para mais nada.

Abril: Após o término da colheita de todo o fumo na lavoura, retoma-se o fumo que estava no galpão. Nesse período, o trabalho é feito somente no galpão, onde o fumo é classificado, separado e suas folhas selecionadas. Em seguida, são feitas as manocas (em torno de 25 folhas de fumo amarradas no talo da folha) e tudo é amontoado em montes por classificação. Após ser manocado e classificado, o fumo é prensado numa caixa de madeira, onde é amarrado com cordões que formam os fardos. Etiqueta-se, com o nome do produtor, a classe e o peso, que deve ser entre 55 e 65 kg.

Figura 05 – Manocas de fumo



Nesse processo de aprontar o fumo, quando o tempo está muito seco, ou há vento sul, o fumo seca rapidamente, o que resulta em mais trabalho para classificar, pois a folha quebra bastante, sendo necessário umedecê-las e mais tempo. Esse tempo a mais, dificulta a entrega da produção no prazo.

O trabalho perdura praticamente de **abril a julho**. Às vezes, a empresa “determina” quando irá parar de buscar (transportar). É preciso, então, acelerar,

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

trabalhar até muito tarde para terminar de aprontar tudo até a chegada do caminhão. Nesse período, trabalha-se muitas vezes até o começo da madrugada no galpão, para que se consiga aprontar o fumo, pois logo outro ciclo recomeça.

Entre **julho e setembro** é preciso arrumar a terra: análise do solo, colocação do calcário, ordenação da lenha para colheita. A lenha não é subsidiada pela empresa, e o agricultor que não possui lenha em sua propriedade precisa comprá-la.

O período de classificação vai até **julho**, culminando com o processo de semeadura, que encerra o ciclo.

Figura 06 – Classificação



Logo após o agricultor mandar o primeiro fumo para a empresa, toda a família fica muito apreensiva para saber se a classificação que fizeram será aceita, pois dependendo da classificação o preço se altera. É o momento mais esperado de toda a família, e que irá determinar o resultado final de todo o seu trabalho.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

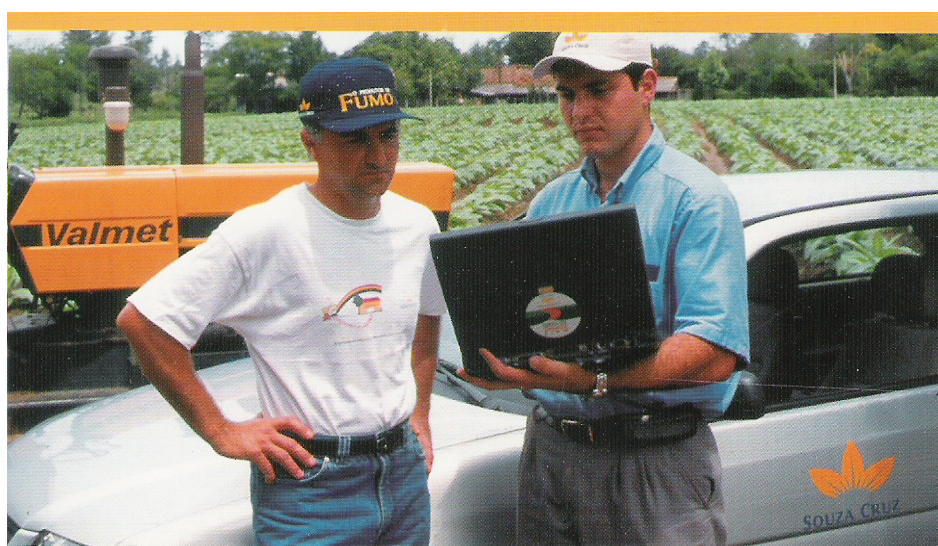
Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O trabalho do instrutor de fumo – Pelotas⁹

O instrutor é responsável pelo fechamento dos contratos¹⁰ com os agricultores familiares que já estão integrados à empresa ou de novos que venham a integrar-se. Seu trabalho consiste em cadastrar os agricultores num computador portátil, obtendo dessa forma todos os dados e situações dos agricultores como se fosse uma ficha médica.

Figura 07 – Instrutor na propriedade



⁹ Dados coletados na entrevista com um instrutor de fumo em Pelotas, para caracterizar o processo de integração a partir do ponto de vista da empresa integradora.

¹⁰ A empresa se compromete em comprar o produto desde que o agricultor atenda rigorosamente às determinações para produzir com qualidade.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A integração com o agricultor ocorre a partir do registro do plantio, em que a empresa se compromete a comprar o fumo do agricultor, através do levantamento da estimativa da quantidade de fumo plantado, se está de acordo com o que foi acordado com a empresa, assistência técnica, pesquisa, problema com doenças (pragas) e entrega dos insumos¹¹.

Segundo o instrutor, o sistema integrado implica trabalhar com tecnologia como o *Float* (sistema das piscinas para criação de mudas) e as estufas LL¹² (folhas soltas nos gradilhos), que agilizam todo o processo, e destaca ainda que, para terem conforto, os agricultores precisam produzir com mais tecnologia.

Em relação ao trabalho infantil, há um consenso de que as crianças devem estudar, mas na agricultura o trabalho infantil é naturalizado como benéfico, preparando os jovens para a inserção no trabalho. Segundo Conde, a exploração infantil hoje é escamoteada em “ajuda” e difere do espaço fabril concentrador descrito por Marx e por Engels, no século XIX. (CONDE, 2007, p. 101)

Neste aspecto existe um termo de responsabilidade para o agricultor de manter os filhos até os 14 anos na escola, assim como os compromissos na integração da responsabilidade de acordar o contrato, produzir a quantidade com a qualidade comprometida. A empresa, por outro lado, se responsabiliza com a compra, assistência técnica e entrega dos insumos.

O instrutor ressalta ainda que a empresa apóia o cultivo de outras culturas, especialmente a pecuária e a criação de aves para a região Sul.

¹¹ Os preços dos adubos subsidiados são mais caros em função de conter ingredientes importados em suas formulações. Se o agricultor utilizar o adubo normal, a empresa pode deixar de comprar seu fumo, pois segundo o instrutor, o adubo altera a cor da folha.

¹² A estufa LL é usada na cura e secagem do fumo e outros produtos agrícolas, e utiliza-se de lenha e energia elétrica mono e trifásica, com sistema de ar forçado e folhas soltas. Possui controle automático de temperatura e umidade. A estufa LL é uma exclusividade da Sousa Cruz, pois em 2003 o Instituto Nacional da Propriedade Industrial, concedeu à empresa, de forma definitiva, a patente da estufa LL com o nº MU7703261-6. Ou seja, todo sistema de cura de folhas soltas é uma tecnologia desenvolvida de forma pioneira pela Souza Cruz. O comércio ou uso dessa tecnologia por terceiros não autorizados será considerado crime, nos termos do artigo 183 estando o infrator sujeito a penalidades no âmbito criminal e à condenação por perdas e danos. Folder estufas LL: Cura em folha solta, Souza Cruz, S/D.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Passos da produção até a comercialização

- Levantamento de plantio até 28 de fevereiro;
- De abril a junho são feitos os contratos;
- Registro de quantos mil pés o agricultor se determina a plantar, assinatura do contrato, encaminhamento dos insumos;
- Assistência técnica de canteiro (sistema Float);
- Assistência técnica de lavoura no plantio: lavração, calcário, análise do solo, capação (procedimento que quebra a flor do fumo para que não crie mais folhas; é feito quando a planta já tem um número de folhas suficientes para apanhar, pois é pelo número de folhas que se calcula a produção);¹³
- Colocação do antibrotante para inibir a perpetuação da planta e direcioná-la para a produtividade (folhas);
- São realizadas três reuniões anuais para esclarecer o procedimento do trabalho durante esse período, já que é uma fase muito importante e que irá definir uma boa produtividade;
- Assistência técnica na propriedade, em média oito visitas durante o ano;
- Colheita: é feito todo o acompanhamento. O ponto de maturação das folhas: colhe-se em média 4 folhas por vez , o que em média dá 6 apanhadas até o final da safra;
- Cura: é o condicionamento do fumo durante mais ou menos 6 dias para que obtenha cor, oleosidade, elasticidade através do processo de secagem (na estufa). É preciso controlar o calor e a umidade (há algumas janelinhas na lateral da estufa que devem ser abertas ou fechadas, dependendo da temperatura). O fator que determina a qualidade do fumo é a umidade. Ao lado da fôrnalha há uma tabela com a indicação dos valores da umidade e do calor indicados no processo de cura. Existe um termômetro que controla a temperatura;

¹³ A planta não pode continuar gerando folhas, pois isso faria com que as folhas contidas no pé não se desenvolvessem adequadamente, ocasionando perda de qualidade do fumo.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

- 80% dos agricultores usam o sistema convencional de estufa alta. O sistema LL de gradilho tem um custo muito alto, em torno de R\$ 20 mil, parcelado em 6 anos, e consome muita energia elétrica já que o calor se expande através da ventilação. Demanda ainda uma capacidade de energia elétrica não disponível em muitas propriedades;

- Condicionamento no paiol (galpão): após o processo de cura, o fumo é condicionado no paiol, onde é feito o acompanhamento na classificação para que obtenha um bom preço no produto.

A produção de fumo é beneficiada em Santa Cruz do Sul/RS, e seu destino são os mercados europeus, do Japão e dos EUA.

Figura 08 - Fardo de fumo



De acordo com o instrutor, atualmente o sistema integrado é viável. No entanto, em 2003, a empresa recebeu apenas 60% da produção, pois outras empresas entraram pagando um preço à vista. Ressalta ainda que o agricultor precisa ter um controle de custos, já que a lenha utilizada na estufa não é subsidiada. A empresa subsidia somente a muda de eucalipto, que é paga na safra, mas não subsidia a lenha, se o agricultor não plantar eucalipto terá que comprar por sua conta.

A tendência do fumo (ver tabela 01), segundo o instrutor, é aumentar a estimativa da produção em função do número de nascimentos, o que para empresa

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

determina o aumento do consumo do fumo, já que as taxas de natalidade se mantêm, o que para a empresa é um indício de novos fumantes.

Tabela 01- Tendência da produção do fumo

Emergente	Crescente	Estável	Ajustes
2000/2002	2003/2004	2005/2006	2007
↓	↓	↓	↓
498.400	630.000	839.000	760.000

Fonte: Planilha de produção do instrutor.

Para o instrutor da empresa de fumo, a produção integrada de fumo é positiva, porque o agricultor é muito bem informado acerca do que o mercado espera e porque trabalha com alta tecnologia. O agricultor é visto como um empresário rural, e se espera que trabalhe maciçamente, para que adquira as tecnologias, e que tenha organização e limpeza no local de trabalho.

Isso nos remete à concepção de Marx, acerca do trabalho de cooperação onde as condições de trabalho aparecem como se fossem independentes do próprio trabalhador. Diz o teórico que

a cooperação permite ampliar o espaço no qual se realiza o trabalho, sendo exigida por certos processos de trabalho em virtude da extensão do espaço em que se executa. É o que ocorre com a drenagem, na construção de diques, com obras de irrigação, canais, estradas, ferrovias, etc. Além disso, ela possibilita que a produção, relativamente à sua escala, seja levada a cabo num espaço menor. Essa redução de espaço do trabalho simultaneamente com a ampliação de sua eficácia, com o que se eliminam uma série de custos dispensáveis, torna-se possível com a concentração dos meios de produção (MARX, 2002, L.1.v.I., p.382).

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Nesse sentido, a empresa integradora criou o programa **SOL Rural**¹⁴– Segurança, Organização e Limpeza, com o objetivo de contribuir para a segurança, organização e a limpeza¹⁵ das propriedades rurais das famílias de fumicultores.

A empresa justifica o projeto alegando que os países que importam o fumo querem conhecer a procedência da matéria-prima, ou seja, a propriedade do agricultor. Por essa razão, estão realizando um programa piloto com 10 agricultores em Rio Negro, no Paraná. Segundo o instrutor, pretende-se com isso preparar os agricultores para que possam atender às exigências de qualidade que os mercados importadores requerem. Desse modo, o instrutor organiza reuniões com os agricultores para apresentar o programa e após a sua implantação na propriedade, faz as observações e orientações necessárias.

Hoje os agricultores já fizeram várias mudanças na propriedade, como: reformas na casa, compra de implementos, antenas parabólicas, compra de carro, etc.

Unidade de processamento de fumo Souza Cruz Blumenau/SC¹⁶

A Souza Cruz é uma empresa subsidiada pela BAT — British American Tobacco, que é o maior grupo internacional de tabaco, responsável pelo desenvolvimento de novas variedades de fumo, buscando sempre melhoria na qualidade e na produtividade, bem como resistência a pragas.

A BAT realiza negócios em mais de 180 mercados nacionais. Uma característica marcante do grupo é sua estrutura descentralizada, de modo que cada companhia local

¹⁴ A Souza Cruz, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Paraná (Senar/PR), desenvolve o programa SOL Rural. O SOL faz parte de um programa maior, denominado Excelência em Qualidade, que tem por objetivo aprofundar cada vez mais os conceitos de qualidade relacionados à produção do fumo no Brasil. In.: *O produtor de fumo*: Santa Cruz do Sul – Revista, jan/fev/mar-2007, p.10.

¹⁵ Como as empresas importadoras são muito exigentes em termos de qualidade e limpeza, o programa SOL Rural tem também como um dos principais motivos eliminar a existência de objetos estranhos (penas de galinha, capim, fios, palha, plásticos), já que este resulta num dos mais graves problemas, devido às exigências dos clientes. Os fumos com material estranho, excesso de umidade, mofo e misturas de classes, são enquadrados como desclassificados e são devolvidos.

¹⁶ Dados coletados na visita realizada na Unidade de processamento de fumo na empresa Souza Cruz em Blumenau/SC, com o objetivo de apreender como se dá o processo de integração com os agricultores e quais são os procedimentos na chegada do fumo à empresa.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

tem liberdade de ação e responsabilidade pelas suas operações, dentro de uma enorme grade global de princípios e padrões claramente definidos a partir da sede do grupo em Londres.

Segundo Grigoroski (2004), a Souza Cruz criou o sistema integrado de produção e a integração vertical, ou, etapa de processamento. Com estas duas frentes, a empresa, com a primeira, criou um sistema de produção que lhe garantisse o fornecimento de matéria-prima de maneira eficiente e padronizada. A segunda frente constitui, na incorporação da empresa, de uma etapa da cadeia produtiva, o processamento do fumo em estado bruto.

Para coordenar as duas frentes, a empresa contratou técnicos estrangeiros para o estudo das condições do solo brasileiro, ação essa intermediada pela BAT que enviou os técnicos ao Sul do Brasil com a finalidade de identificar áreas com as melhores características para o plantio de fumo.

Nesse contexto, o desenvolvimento do sistema integrado de produção, de acordo com Liedke, se resume

Numa posição vantajosa, a Companhia Souza Cruz passou a ditar as regras do jogo, ao nível dos processos de produção agrícola e de compra de matéria-prima (decisão de preços para as diferentes classes, a qual era adotada pelas demais empresas compradoras); e também ao nível do desempenho industrial junto aos camponeses, especialmente quanto às questões de qualidade e classificação do fumo e seus preços, uma vez que as demais empresas existentes não lhe eram competitivas (LIEDKE, 1997, *apud* GRIGOROSKI, 2004, p.38)

A produção de fumo no Brasil envolve 156 mil produtores integrados, somente com a Souza Cruz, e cuja área de plantio excede 360 mil hectares. Os produtores de fumo se constituem como proprietários de até 16 hectares de terra, onde 2,8 hectares são destinados para o cultivo do fumo e o restante distribuído para a produção de outras culturas, como o reflorestamento¹⁷, que conta com o fornecimento de mudas de eucalipto subsidiadas.

¹⁷ Com sede em Pelotas, a Votorantim Celulose e Papel (VPC) pretende até 2011 formar uma unidade com 100 mil hectares de florestas de eucalipto não contínuas, distribuídas por centenas de fazendas que

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Na safra de 2007, 44.800 produtores estão integrados nos estados da região Sul, que compreende o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, abrangendo 708 municípios.

Atualmente a empresa absorve cerca de 40% do fumo na fábrica de cigarros¹⁸ em Cachoeirinha/RS, e exporta 60% para países europeus.

Para continuar atendendo aos mercados doméstico e internacional com qualidade, a Souza Cruz deve produzir um fumo que atenda às mais rigorosas exigências quanto à maturidade, equilíbrio químico e limpeza.

Tais exigências atingem o produtor, de modo que “para a empresa é fundamental que o agricultor siga sempre as orientações passadas pela assistência técnica da Souza Cruz. Agindo assim, o produtor garante um excelente resultado no final da safra”¹⁹. O problema é que o resultado é apropriado pela empresa.

Vantagens e compromissos do produtor integrado²⁰

De acordo com Stevens (2007) as vantagens²¹ e compromissos do produtor integrado com a Souza Cruz são os seguintes:

- Vantagens:

- Garantia de compra da safra;
- Rapidez no recolhimento do fumo no campo, preservando a qualidade e o peso do produto;
- Menor custo por hectare plantando com insumos de alta qualidade;

comporão seu parque florestal no Rio Grande do Sul. Mais informações no endereço eletrônico: www.vcp.com.br.

¹⁸ Segundo Grigoroski (2004), a propaganda expressa, através dos rótulos de embalagens de cigarro, mexia com o simbólico e o imaginário do consumidor. As marcas nacionais foram intensificadas a partir de 1914 com figuras de mulheres repletas de sensualidade. Dentre as quais podem ser citadas Odaliska, Yolanda, Dalila, Odette, que permaneceram no mercado do Brasil por 40 anos. Informação disponível no site: www.centrodelogistica.com.br/new/teses/pdf/01dez04-paulogrigoroski.pdf.

¹⁹ *O produtor de fumo*: Santa Cruz do Sul – Revista, jan/fev/mar-2007, p. 2.

²⁰ *O produtor de fumo*: Santa Cruz do Sul – Revista, jan/fev/mar-2007, p. 3.

²¹ Os agricultores integrados são também chamados de parceiros, colaboradores termos, utilizados pelo modelo de competências.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

- Informação sempre atualizada a cada visita, com apoio de computadores portáteis²²;
- Extrato de conta simples claro, e atualizado a cada entrega;
- Desenvolvimento de novas tecnologias, ajustadas às necessidades do produtor, como a estufa LL e o sistema Float²³;
- Assistência técnica da melhor qualidade e com visitas periódicas;
- **Equipe de pesquisa que pensa e cria alternativas** que aumentam a produtividade e a qualidade e preservam cada vez mais o meio ambiente²⁴;
- Empresa socialmente responsável;
- Programas de preservação do solo e da água e de incentivo ao reflorestamento²⁵;
- Ações para a melhoria do meio ambiente, com programas de incentivo às comunidades envolvidas;
- Garantia de continuidade do negócio do fumo, na exportação e no mercado interno;
- Disponibilidade de sementes de alta produtividade e qualidade para cada época do ano.

Compromissos do produtor, segundo a Souza Cruz

- Respeito ao contrato de parceria com a empresa; (é a subordinação do agricultor)

²² Aparentemente o campo se encontra modernizado, no mundo virtual; em suma, é um cadastro completo de todas as famílias integradas, para obter um maior controle no processo de produção.

²³ Pelo contrário, tecnologias desenvolvidas para expandir a relação de troca; necessidade de perpetuação na produção de mercadorias.

²⁴ As alternativas consistem em criar programas de reflorestamento, novas variedades de fumo, assim como a introdução de outras culturas como a produção de mamona. O processo de integração expressa uma relação contraditória, à medida que a produção de fumo, assim como a produção de eucaliptos, resultam em culturas que produzem a degradação do homem e da natureza, e sob todos os aspectos produzem a miséria e a degradação do homem.

²⁵ Projeto de reflorestamento e preservação ambiental, sendo a Souza Cruz a única fumageira do mundo certificada internacionalmente pelo seu trabalho de reflorestamento e preservação pela Rainforest Alliance.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

- Entregar o volume de fumo contratado, assim não há risco de haver prejuízo para o produtor ou multa por quebra de contrato²⁶;
- Garantir a continuidade do negócio;
- Ter responsabilidade social com a geração de impostos, não recolhidos pelos atravessadores que não tem nenhum compromisso com os produtores; (exclusividade na produção)
- Produzir fumo de qualidade, livre de resíduos e materiais estranhos;
- Uso do pacote tecnológico e aceitação das orientações técnicas da empresa; (uma produção determinada externamente)
- Compromisso com o meio ambiente e erradicação do uso de mão de obra infantil²⁷;
- O produtor deve ser um verdadeiro empresário do campo, por isso a importância do planejamento e a gestão dos recursos financeiros²⁸.

Observamos que a empresa vê o agricultor como um parceiro fiel, relação esta estabelecida no contrato. Atualmente, existem 48 tipos de classificação do fumo para o agricultor, que são determinados pela cor, tamanho, oleosidade da folha. Ou seja, todo o trabalho do agricultor é definido na classe²⁹ em que o fumo for inserido, é o que define o valor de mercado para o agricultor.

²⁶ Cláusula terceira – Comercialização do fumo em folha: 3.1.1. A produção de fumo objeto do presente contrato, resultante da área plantada e da estimativa de produção acordada entre as partes, deverá ser integralmente adquirida pela COMPRADORA junto ao PRODUTOR, podendo variar até no máximo 5% (cinco por cento) para mais ou para menos e será entregue pelo produtor para classificação e aquisição no estabelecimento da compradora definida nas cidades de Blumenau/SC, Rio Negro/PR, ou Santa Cruz do Sul/RS.

²⁷ Constatamos, no decorrer das entrevistas, com os agricultores que as crianças em idade escolar estão nas escolas. No entanto, no período que estão em casa, ajudam os pais nos afazeres domésticos, mas, quando os adultos trabalham com o fumo no galpão, as crianças permanecem juntas, pois não consideram um trabalho pesado (separar, manocar, etc.).

²⁸ “O planejamento financeiro traz grandes vantagens ao produtor e ajuda a evitar o endividamento. O produtor deve ser um verdadeiro empresário do campo, por isso a importância do planejamento e a gestão dos recursos financeiros”. In.: *O produtor de fumo*: Santa Cruz do Sul – Revista, jan/fev/mar-2007, p. 12.

²⁹ Existem atualmente 48 classes de fumo para o agricultor, cada uma com um preço diferente. Dessa forma, o agricultor, ao enviar o fumo para a fábrica, faz a sua própria classificação. No entanto, quando o fumo chega na fábrica enfardado, todos os dados são checados direto no computador, pois cada agricultor

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Quanto ao incentivo de redução do plantio de fumo, segundo o gerente regional de operações agrícolas, deve-se à adequação da demanda do mercado, pois a empresa vai produzir a estimativa de volume que o mercado requer. Por essa razão, as oscilações de mercado são próprias da economia mundial, e assim “a tendência da produção do fumo é sempre se adequar à demanda”. A alternativa apresentada pelas empresas em substituição à cultura do fumo é agregar outras culturas como a mamona e eucaliptos³⁰.

A Souza Cruz, do mesmo modo, incentiva a produção de eucaliptos com os agricultores integrados. Segundo o gerente regional da empresa, o incentivo ao reflorestamento é importante por duas razões: “primeiro porque os agricultores passam a contar com matéria-prima para o processo de secagem do fumo e possíveis obras na propriedade, ou uma possível renda extra na venda para terceiros. Segundo, que estará contribuindo para a preservação do meio ambiente”³¹.

Diante das constatações acima, observa-se a ampliação do agronegócio em curso, que expande sua produção de acordo com as necessidades do capital, que configura a produção de um determinado produto para atender às necessidades do mercado mundial.

possui um número que o identifica (agricultor, peso, classificação), e, portanto, se a pessoa responsável neste setor entender que a classe não condiz com a qualidade do produto, ele tem autonomia para mudar. O que chama a atenção, é que esse processo é feito a olho nu: o responsável rasga o fardo com um tipo de foice pequena e olha a folha e canta a classe para a funcionária inserir no sistema. Isto confirma nossa análise da determinação externa sobre todo o processo produtivo.

³⁰ A produção de eucaliptos encontra-se em fase de expansão na região Sul. O grupo Votorantim indica a implementação de outro produto monocultor, a celulose. Sua implantação, iniciada em 2003, visa atender às futuras necessidades de madeira da VCP. Aproximadamente 30% de sua área será plantada em regime de fomento, por meio do Poupança Florestal³⁰; é o agronegócio das multinacionais que dominam as pequenas unidades de produção no campo, sem fronteiras.

³¹ O lema da empresa para incentivar os mais de 45 mil produtores integrados a plantar árvores é: “De um lado têm os que fazem reflorestamento porque é um bom negócio, de outro, têm os que reflorestam para preservar o meio ambiente, a empresa Souza Cruz incentiva os dois lados”. Fonte: Revista Souza Cruz reflorestamento: Bom para o meio ambiente, bom para sua propriedade. Disponível em: www.souzacruz.com.br.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Unidade do Centro de Melhoramento de Fumo CMF, Rio Negro/PR³²

O Centro de Melhoramento de Fumo – CMF da unidade de Rio Negro, no Paraná, é responsável pelo desenvolvimento de novas variedades de fumo, buscando melhorar a qualidade e produtividade, bem como a resistência a pragas. Desenvolvem pesquisas na área de melhoramento e produção de sementes, que são certificadas pelo Ministério da Agricultura.

O CMF se divide em três grandes sub-áreas que são: UMF – Unidade de Melhoramento do Fumo, UPS – Unidade de Produção de Sementes e UIS – Unidade de Industrialização de Sementes.

UMF – Unidade de Melhoramento do Fumo: conta com o apoio de três grandes laboratórios: Laboratório de Tecidos, Laboratório de Marcadores (que identifica plantas resistentes a doenças) e o Laboratório analítico (que desenvolve folhas com menor teor de nicotina)³³. O cruzamento de espécies é feito de modo convencional, isto é, manualmente.

UPS – Unidade de Produção de Sementes: a Souza Cruz possui duas fazendas de sementes, uma em Rio Negro e outra em Maringá, ambas no Estado do Paraná. Ambas as fazendas servem tanto para produzir sementes como para realizar os testes das pesquisas de melhoramento de sementes. A empresa adota, como estratégia de segurança, manter 50% de suas pesquisas desenvolvidas em cada uma das fazendas.

Figura 09 – Unidade de produção de sementes Rio Negro/PR

³² Dados coletados na visita realizada na Unidade de Melhoramento de Sementes de Fumo em Rio Negro/PR. O objetivo foi acompanhar a cadeia produtiva do fumo para apreender qual a tendência da produção de fumo, já que uma das determinações da Convenção Quadro contém a erradicação da cultura do fumo.

³³ Segundo a técnica responsável pelo laboratório, o teor de nicotina se altera com a adubação, por isso, após a capação, a planta não poderá ser mais adubada.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



UIS – Unidade de Industrialização de Sementes³⁴: neste espaço as sementes são poletizadas, isto é, como a semente de fumo é muito pequena, a poletização é um processo que aumenta em 60 vezes o seu tamanho, facilitando o manejo na hora de semear, além de condicionar uma cor definida, pois existem cinco tipos de fumo³⁵, de modo que cada tipo é reconhecido por uma determinada cor.

Conforme o pesquisador da área de melhoramento de sementes da Souza Cruz, após todo o processo de industrialização, a semente é certificada pelo Ministério da Agricultura, o que diminui em 18% o valor da semente para o agricultor.

Na fazenda de Rio Negro, apenas uma pessoa é funcionária contratada da Souza Cruz. O restante, em sua grande parte mulheres do campo que moram nas proximidades da fazenda, são de empresas terceirizadas, e trabalham na época de safra de sementes em regime de contrato. Mais um fenômeno do trabalho na atualidade presente nas relações de trabalho no campo, a terceirização e o trabalho temporário.

³⁴ A visita nesta unidade proporcionou verificar o controle do capital pela produção de sementes, não mais do agricultor. A empresa adota punições, caso o agricultor se utiliza de outra semente.

³⁵ Tipos de fumo: *Virginia*: reconhece-se pela cor azul, é mais propícia nos Estados do Sul (RS, SC, PR), e difere-se dos demais tipos devido ao seu amadurecimento ocorrer por etapas e necessitar do processo de secagem em estufas. *Burley*: definida pela cor vermelha. *Comum*: cor amarela. *Oriental*: cor laranja, específico da região Nordeste. Maryland: cor verde. Nesses quatro últimos tipos, o processo de amadurecimento se difere, pois a planta é cortada de uma só vez, e secada naturalmente ao sol, sem necessidade de estufas. As cores servem para identificar cada tipo de semente, há um rigoroso controle nesse sentido, começando pela colheita, onde as sementes já são colocadas em sacos e identificadas.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O trabalho das mulheres está concentrado na área de polenização³⁶ das sementes que é feito manualmente nas lavouras.

Após a colheita, as sementes são levadas para as estufas dando início ao processo de secagem, com um rigoroso controle de qualidade. Na sequência, passam para a sala de malhar, onde a semente é descascada e preparada para a poletização.

A empresa possui um estoque de sementes para cerca de dois anos. São produzidos, em média, 500 kg de semente anualmente, empregando ao redor de 250 pessoas nas safras, todas mulheres em regime de contrato.

Em síntese, constatamos que, dentre os 62 países onde atua a British American Tobacco, a Souza Cruz do Brasil é a única empresa do grupo a produzir sementes de fumo. O objetivo da empresa é exportar sementes de fumo para todos os países integrantes ao grupo BAT.

Assim, fica claro que a empresa já tem uma alternativa de saída se a produção de fumo no Brasil tiver que ser erradicada. Já para o agricultor, a solução seria erradicar a cultura do fumo e ampliar a produção de eucaliptos, cultura essa que já está inserida na atual produção de fumo, assim como também há a tendência do cultivo da mamona, ainda que ambas na mesma lógica de produção monocultora.

Conhecer as instalações da Unidade de Processamento de Fumo em Blumenau e a Unidade de Melhoramento de Sementes em Rio Negro, foi algo de fundamental importância, à medida que proporcionou desvendar os tentáculos imbuídos na cadeia produtiva do fumo, visto que a produção dessa cultura ocorre de formas diferentes, dependendo do clima e do solo. Por essa razão, todo o investimento na área de melhoramento de sementes visa desenvolver melhores qualidades de sementes que se adaptem aos solos de cada produtor integrado, já que, como pode ser constatado ao decorrer do trabalho, hoje existem cinco tipos de sementes de fumo, distribuídos por regiões específicas.

³⁶ Como se trata de melhoramento de sementes, a fecundação das plantas é feita manualmente, através da polenização. É um trabalho minucioso realizado pelas mulheres, onde o pólen é colocado na flor do fumo com ajuda de um pincel.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

No entanto, o foco da empresa é preparar-se para exportar sementes de fumo para os países integrantes da BAT. Com isso, é possível concluir que, se o Brasil atender às exigências da Convenção Quadro de redução do consumo de cigarros, a empresa integradora já tem uma solução: exportar sementes mundialmente, pois já se encontram em fase de testes e visitação em muitos países. Isso implica que para a empresa já há uma saída, para o agricultor seria parar a produção.

Em Rio Negro, as famílias integradas produzem até num hectare e meio de terra, no sistema de estufa LL folha solta, tecnologia patenteada pela Souza Cruz que, conforme salientado, somente pode ser utilizada pelos agricultores integrados à empresa. A diferença está em menos consumo de lenha e a facilitação do trabalho, pois as folhas ficam soltas no processo de cura. Contudo, necessita maior intensidade de energia elétrica.

No que concerne à saída dos filhos do campo para a cidade, a empresa desenvolve tecnologias para que somente os pais, ou um dos filhos, permaneça na propriedade, na alegação de que não há terra para todos. Como são pequenas quantidades de terra, em média 12 hectares, não seria possível manter todos no campo, de modo que as tecnologias servem para que possam produzir mais, com menos trabalhadores. Dito de outro modo, alta produtividade e qualidade, com redução do trabalho vivo³⁷.

Integração com a agroindústria: O trabalho coletivo no campo

A contradição expressa na relação de trabalho no processo de integração, denota a centralidade que o trabalho representa na vida das pessoas. Esse movimento na relação de trabalho integrado a empresas multinacionais permite ao capital a apropriação da

³⁷ Isso foi possível constatar numa propriedade em que produzem fumo em apenas um hectare e meio, onde somente os pais trabalham no fumo, sendo que os três filhos trabalham na cidade.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

terra, sem expulsar o agricultor, uma vez que a expropriação da mais-valia está garantida pelo capital na relação social capitalista.

Nessa relação, o trabalho passa a ser coletivo, pois o trabalhador integrado com a agroindústria participa no processo produtivo de uma determinada mercadoria, ou seja, faz parte de uma cadeia produtiva, de forma camuflada, de modo que submete todos os integrantes da família, inclusive mulheres e crianças. Há uma relação social capitalista com extensivas jornadas de trabalho, sem limites, produzindo para o capital, sob condições estabelecidas pelas empresas integradoras. Segundo Marx,

A produção capitalista só começa realmente quando um mesmo capital particular ocupa, de uma só vez, número considerável de trabalhadores, quando o processo de trabalho amplia sua escala e fornece produtos em maior quantidade. A atuação simultânea de grande número de trabalhadores, no mesmo local, ou, se quiser, no mesmo campo de atividade, para produzir a mesma espécie de mercadoria sob o comando do mesmo capitalista constitui, historicamente e logicamente o ponto de partida da produção capitalista (2002, p. 375).

Portanto, no modo de produção capitalista, a produção da vida não é mais um ato individual, mas social, coletivo, de tal modo que o problema de cada um é coletivo, e todos os trabalhadores de uma forma ou de outra produzem riquezas para outros, já que as relações capitalistas pressupõem que o capital é trabalho social acumulado e apropriado individualmente pelos capitalistas.

Figura 10 – Trabalho no fumo

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org



Segundo Aued, o trabalhador social, como unidade do trabalhador coletivo, se manifesta de duas formas:

Uma humana e outra material. Enquanto humana, ele se impõe como trabalhador individual que tem de executar as mesmas tarefas, no mesmo tempo, com a mesma qualidade e quantidade: um trabalhador é igual a qualquer outro trabalhador. Enquanto material, o ser social emerge como ferramenta especializada para execução da mesma tarefa. Independentemente da habilidade e da destreza do trabalhador individual, a ferramenta determina os movimentos e as condições de seu uso para uma atividade, também específica. Quanto mais simples for a tarefa executada pelo trabalhador, mais a ferramenta se especializa (1999, p.123).

Não há fronteiras para o capital, e na contínua busca de sua autovalorização necessita destruir qualquer possibilidade de trabalho autônomo, visto que sua manutenção depende, de forma constante, da obtenção do trabalho excedente de outros. Esse movimento de destruição da agricultura familiar denota que no sistema capitalista não basta apenas trabalhar, não basta apenas produzir, é preciso produzir mais-valia social.

A centralização do capital não significa somente a concentração dos meios de produção, mas sobretudo a centralização do capital. Percebe-se que não há espaço para os agricultores familiares que antes produziam parte de seus meios de subsistência, pois,

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

uma vez integrados à agroindústria, estão subordinados ao movimento do capital, e por isso não mais trabalham individualmente, mas associados a grandes empresas multinacionais. É o que expressa, justamente, o trabalho dos agricultores integrados à produção de fumo.

Segundo Aued, o capital,

Quando se apropria do processo produtivo, constitui-se no fator primordial da determinação da produção, tendo por base a cooperação entre os homens, isto é, o trabalhador coletivo. Na constituição do trabalhador coletivo, o capital destrói, transforma ou molda as formas individuais de produzir riqueza a sua imagem e semelhança (1999, p.121).

Nesse contexto, a produção monocultora, que antes era praticada pelos latifundiários na produção agro-exportadora e que historicamente foi se consolidando na agricultura familiar, contribui para extinguir a forma como era realizado o trabalho no campo, onde o aprendizado era realizado na passagem de pai para filho, um trabalho manual, individual, com os membros da família.

Na integração, as indústrias integradoras coordenam o trabalho no campo, na medida em que os instrutores fiscalizam o trabalho³⁸. Os agricultores são controlados pelo contrato, e produzem a qualidade e quantidade do produto determinado no mesmo. Nessa relação, são chamados de colaboradores e parceiros, porém, na organização da empresa, a ordem é vertical, de modo que os próprios agricultores se auto-fiscalizam; é o modelo de competências que também se institui no campo. Isso denota que o alto controle que as empresas detem sobre a produção é uma forma de fiscalização.

Nota-se, portanto, no processo de integração com a agroindústria, além da perda da autonomia, uma produção monocultora que atende às necessidades do capital, que leva o agricultor ao endividamento³⁹ e sobrepõe toda força de trabalho de sua família a um trabalho intenso e a longas jornadas em certos períodos da produção.

³⁸ Segundo Marx, na maquinaria e na grande indústria dos séculos XVIII e XIX, os inspetores das fábricas eram responsáveis pela fiscalização dos trabalhadores para que o capitalista extraísse o máximo de sua capacidade física.

³⁹ O agricultor está descapitalizado, as agroindústrias subsidiam todos os implementos necessários para a produção, porém com preços bem acima do mercado. Desse modo, o agricultor é condicionado a comprar

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Trata-se aqui da dupla exploração do trabalhador: mais-valia absoluta⁴⁰ e mais-valia relativa⁴¹, totalmente subjugada ao modo de produção capitalista, onde se institui o trabalho coletivo na submissão de todos os integrantes da família a um trabalho social, igual, pois se sustenta na relação social que se estabelece no contexto geral de produção. Aqui não há apropriação da mais-valia pelo trabalho assalariado, como se referia Marx (1974), mas o agricultor integrado estabelece uma relação social capitalista, visto que na relação serve de autovalorização do capital para as multinacionais.

A exploração do pequeno agricultor se institui a partir do contrato⁴² que o agricultor estabelece com a empresa integradora, mesmo que não seja de forma assalariada. Nesse sentido, cumpre notar que vivemos no movimento de redução, do enxugamento do salário, posto que, com o atual desenvolvimento das forças produtivas, surgiram necessidades de ampliar as formas de reprodução do sistema capitalista, em vista da crise de lucratividade do capital. Portanto, o pequeno agricultor, por ser “dono” dos meios de produção, sente-se pequeno proprietário, mas está destituído da sua autonomia, assim como o trabalhador da cidade quando se encontra no assalariamento. Figueira ilustra bem essa realidade, dizendo que esses trabalhadores “são produtores de mercadoria com pés de operário e cabeça de capitalista” (1979, p.58).

Isso denota que as famílias que produziam uma diversificação de culturas que atendia fundamentalmente às necessidades de produção da vida familiar, agora, no processo de integração, produzem uma única e exclusiva monocultura de interesse da lógica do capital, fazendo com que a produção dessa matéria-prima resulte numa mercadoria para outros, e que o trabalho social do pequeno agricultor resulte, no contexto geral de produção, em algo carregado de valor.

somente da empresa integradora, assim como somente pode vender seu produto para ela, mesmo que isso implique que a empresa integradora pague um preço abaixo do valor de mercado, pois como é um processo integrado, o agricultor é obrigado a entregar a matéria-prima.

⁴⁰ Segundo Marx, a mais-valia absoluta prolonga a jornada de trabalho. Ou seja, reduz o tempo de trabalho que o trabalhador necessita para a reprodução da sua vida material pessoal, de modo que ele passa a trabalhar mais para o capitalista.

⁴¹ A mais-valia relativa é tempo de trabalho de apropriação do capitalista; é o mais-trabalho.

⁴² Marx faz referência ao contrato social, método simples para promover a acumulação do capital na expropriação do trabalhador na Europa. In: *O Capital*, Volume I, 1985, p. 297.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Frente a esse quadro, questionamos: Que movimento é esse que destrói a produção da vida no campo? De que forma isso ocorre? Que movimento é esse que leva as famílias a deixar de produzir para si mesmas, a perder a autonomia no trabalho, restando-lhes tão-somente o assalariamento⁴³, para em seguida acabar na periferia das cidades e inserir-se num trabalho precário ou aumentar as filas do desemprego?

Marx (1985) ajuda a compreender esse processo que, durante o século XIX, na Europa, expropriou os trabalhadores de suas condições de trabalho, situação observada no século XX no Brasil e em toda a América Latina. Ainda que a forma apropriada pelo capital não seja a mesma do século XIX, quando se fez a divisão entre proprietários de capital e proprietários de trabalho assalariado, vivemos hoje, em contraposição, a escassez do trabalho assalariado, cada vez mais precarizado, parcial, desregulamentado. Isso denota que temos que dar respostas a problemas antigos e a novos problemas.

Segundo Marx, "o modo capitalista de produção e acumulação e, portanto, a propriedade privada capitalista exige o aniquilamento da propriedade privada baseado no trabalho próprio, isto é, a expropriação do trabalhador" (1985, p. 302). Isso significa dizer que, enquanto o agricultor familiar estiver produzindo individualmente para as necessidades fundamentais de reprodução da sua vida familiar, e permanecer proprietário de seus meios de produção, a acumulação capitalista e o modo capitalista de produção não se estabelecerão.

No entanto, ao integrar-se com a agroindústria, o agricultor estabelece uma relação através de um contrato, onde é condicionado a adentrar nas leis do mercado implicando numa relação social de produção capitalista entre pessoas, intermediada pelo capital, visto que o capital é uma relação histórica de produção e pressupõe a

⁴³ Principalmente o movimento de migração campo-cidade, o que implica no deslocamento dos jovens, sobretudo das filhas de agricultores familiares para os contextos urbanos, com trabalhos domésticos precarizados mas que ainda assim ajudam a complementar a renda da família.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

expropriação da propriedade privada, com o objetivo de ampliar o exército industrial de reserva⁴⁴ e afirmar sua reprodução. Segundo Marx,

Quanto maior o exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto mais maciça, a super população consolidada, cuja miséria está em razão inversa do suplício de seu trabalho. Quanto maior, a camada lazarenta da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior o pauperismo oficial. Essa é a lei absoluta geral da acumulação capitalista (1985, p. 209).

Portanto, o mecanismo da produção e acumulação capitalista ajusta constantemente seu exército industrial de reserva, em detrimento da miséria da classe trabalhadora. Essa é a condição: o capital somente se reproduz produzindo miséria humana.

Observa-se, na tabela 08, a integração do agricultor ao capital, expressão que não é particular, mas que denota a realidade vivida pelos agricultores familiares, ainda que num pequeno espaço de terra. Nota-se que o agricultor não contabiliza o valor do seu trabalho, somente os gastos materiais. Assim, o capital expropria, ao mesmo tempo, a terra que “pertence” ao agricultor e a força de trabalho embutida no processo de produção capitalista.

Tabela 02 - Agricultor familiar integrado da Souza Cruz, Rio Negro/PR, 2007

Agricultor integrado	Total de terra	Subsídio da empresa	Gasto c/ lenha	Estimativa da produção	Preço médio/kg	Relação rendimento/ subsídio
	3 hectares			2.500 kg/hec	R\$ 4,00	R\$ 20,000 (-) R\$ 10,000
Produção de fumo	2 hectares	R\$ 8.000,00	R\$ 2.000,00	5.000 kg	R\$20,000,00	
Total rendimento restante						R\$ 10,000,00

Fonte: Dados coletados durante visita a Rio Negro, no Paraná.

⁴⁴ Isto é, formado pelo contingente de pessoas que se encontram desempregadas. No entanto, vivemos num determinado momento histórico em que a lógica é a expansão de um exército de "sobrantes", já que nem mais de reserva servem.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Portanto, para o capital ativar seu mecanismo de acumulação, a forma de trabalho individual é insustentável, e por essa razão a integração com a agroindústria está associada às grandes empresas multinacionais que disseminam a lógica do mercado mundial, seja na forma de execução do trabalho, em todas as suas relações, seja na expansão do capital, na sua incessante busca de valorização.

Isso nos remete à mobilização do capital que Silver (2005) se refere, que se desloca por todos os países, em busca de recriar soluções para a sua valorização a partir de “novos” produtos, ou seja, a solução produto ou a realocação espacial, que não traz nenhuma novidade. O capital migra em busca de novas formas, que se definem em busca de força de trabalho mais barata. Assim, mudando de espaço geográfico continuamente, ora explora países da Ásia ora países da América Latina, com um determinado produto, até que não haja mais sustentabilidade para si mesmo. Então, desloca-se para um outro país, onde chega com alguma outra novidade, com outra solução produto (produção de fumo, frango, mamona, eucaliptos, cana-de-açúcar).

Figura 11– Produto de exportação



Por outro lado, Silver (2005) remete à solução financeira e tecnológica que o capital cria, através do financiamento de subsídios e do fornecimento de “novas”

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

tecnologias que o “novo” produto pressupõe, condições que acabam gerando o endividamento do agricultor familiar, que é o pressuposto para o capital sustentar-se na relação de capital-trabalho.

Em síntese, somente a partir do trabalho coletivo, segundo Marx, é possível estabelecer relações sociais de integração, visto que, quando os trabalhadores estão interligados, não produzem para si, mas para outros, tornando-se um movimento revolucionário para a valorização do capital:

A jornada coletiva tem uma maior produtividade por ter elevado a potência mecânica do trabalho, ou por ter ampliado o espaço em que atua o trabalho; ou por ter reduzido esse espaço em relação à escala da produção; ou por mobilizar muito trabalho no momento crítico; ou por despertar a emulsão entre os indivíduos e animá-los, ou por imprimir às tarefas semelhantes de muitos o cunho da continuidade e da multiformidade; ou para realizar diversas operações ao mesmo tempo, ou por emprestar ao trabalho individual o caráter de trabalho social. Em todos os casos, a produtividade específica da jornada de trabalho coletiva é a força produtiva social do trabalho ou a força produtiva do trabalho produtivo social (MARX, 2002, p. 382).

Nesse contexto, os agricultores integrados se constituem como trabalhadores coletivos na produção de uma determinada mercadoria (folha de fumo) para o capital transnacional.

REFERÊNCIAS

AUED, Bernadete Wrublevski. **O sapateiro militante**: José Peba Pereira dos Santos. Campina Grande: EDUEP, 2006.

AUED, Idaleto, Malvezzi. AUED (Org). **Capital e emancipação humana**: o ser social. In: Educação para o (des) emprego. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: Queroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CONDE, F. Soraya. **Trabalho invisível**. Dissertação (mestrado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em sociologia política/CFH, UFSC, 2007.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

FIOD, Edna, G. M. Mudanças nas formas de aprendizagem do trabalhador. In: **Traços do trabalho coletivo**/ Bernadete Wrublevski Aued, organizadora. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

GRIGOROVSKI, Paulo, R. Esteves. **Estratégias da Souza Cruz em 101 anos**: os desafios para a longevidade saudável. Dissertação, UFRJ, 2004. Disponível em: www.centrodelogistica.com.Br/new/teses/pdf/01dez04-paulogrigoroski.pdf. Acesso em 12 fev. 2007.

HARTWIG, Marisa. **O pequeno agricultor em Santa Silvana**: algumas histórias a contar. Tcc, Escola de Serviço Social da UCPEL, Pelotas, 2003.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. São Paulo: Mercado de letras, 2001.

MARX & ENGELS. **Manifesto do Partido Comunista**. Editora Martin Claret, 2003.

MARX, Karl. Prefácio de para a crítica da economia política. In: **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. (Col. Os Pensadores), São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **O capital**: crítica da economia política. L.1. v. 1. 20. ed. Editora Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2002.

_____. **O capital**. Vol. I, São Paulo: Abril Cultural, Caps. I a V, 1983.

_____. **O capital**: crítica da economia política. L. 1. O processo de produção do capital (caps. XIII a XXV), Nova cultura, 1985.

_____. O 18 brumário de Louis Bonaparte. In: MARX, K. ENGELS, F. **Obras escolhidas**. Moscovo: Edições Progresso; Lisboa: Edições Avante, 1982 a. Tomo I, P.413-512.

_____. A maquinaria e a grande indústria moderna. In: **O capital**: crítica da economia política. São Paulo. DIFEL, L.1,v.I, 1986.

_____. Trabalho Produtivo e Trabalho Improdutivo. In: **Capítulo VI Inédito de O Capital**. Resultados do Processo de Produção Imediata. Editora Moraes, 1969.

_____. Trabalho estranhado. In: **Idéias**. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP, 2003.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

Estudos do Trabalho

Ano III– Número 4 - 2009

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

_____. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

SILVER, J. Beverly. **Forças do trabalho:** movimentos trabalhistas e globalização desde 1870. São Paulo, Boitempo, 2005.

STEVENS, Mike. **O produtor de fumo:** Santa Cruz do Sul – jan/fev/março. Revista editada pelo departamento de fumo da Souza Cruz, 2007.

STRIEDER, Roque. **Produção agrícola integrada:** a emergência humana do trabalhador agrícola. São Miguel do Oeste: UNOESC, 2000.

SZMRECSÁNYI, Tamás. **Pequena história da agricultura no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1990.

TUMOLO, Paulo Sergio. **Reestruturação produtiva no Brasil:** um balanço crítico introdutório da produção bibliográfica. Educação & Sociedade, n.77, p.71-99, Campinas: CEDES, 2001.

_____. **Da contestação à conformação.** A formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista. Campinas, São Paulo, UNICAMP, 2002.

_____. **Trabalho, vida social e capital na virada do milênio:** apontamentos de interpretação. Campinas, São Paulo: Educação e Sociedade, 2003. v. 24, n. 82, p. 159-178.

VEIGA, José Eli Da. **Cidades imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula. São Paulo: Editora Campinas, 2003. 2. ed.

VENDRAMINI, Célia Regina. A escola diante do multifacetado espaço rural. In: **Perspectivas:** Revista do Centro de Ciências da Educação. v. 22, n.1- janeiro/junho, Florianópolis, 2004.

_____. **Terra, trabalho e educação:** experiências sócio-educativas em assentamentos do MST. Editora UNIJUÍ, p.43-64. Ijuí, RS, 2000.

ZAGO, Nadir. **Família e escola:** Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.